



# Projeto CIRCO – Casa irrenunciável para o Recreio Cívico e a Hospitalidade

Circo Project - Essential House for Civic Recreation and Hospitality

FRANCESCO CARERI

Universidade de Roma, Roma, Itália

FABRIZIO FINUCCI

Para o Laboratório CIRCO<sup>1</sup> – Universidade de Roma, Roma, Itália

AURORA BERNARDINI (TRADUTORA)

Universidade de São Paulo (USP) São Paulo SP, Brasil

## RESUMO

O projeto CIRCO prevê recuperar o patrimônio de edificações abandonadas da periferia de Roma e transformá-las em uma rede metropolitana de condomínios interculturais baseados na Hospitalidade. São estudadas e previstas diversas modalidades de ação como as dos *city makers* e uma série de funções do tipo *Project Financing*.

## PALAVRAS-CHAVE

CIRCO, condomínios interculturais, modalidades de ação, *city makers*, *Project Financing*.

## ABSTRACT

CIRCO project proposes to transform abandoned edifications in suburban Rome into a metropolitan net of intercultural condominiums based on the principle of Hospitality. Diverse actions and functions are implied in the project, among them those of city makers and Project Planning.

## KEYWORDS

CIRCO, intercultural condominiums, actions, functions, city makers, Project Financing

<sup>1</sup> CIRCO (<http://laboratoriocirco.wordpress.com>) é uma pesquisa elaborada junto ao Laboratório de Projetos Arquitetônicos e Urbanos da Laurea Magistrale in Progettazione Urbana do Departamento de Arquitetura de Roma TER. O grupo de trabalho é composto por Francesco Careri, Fabrizio Finucci, Chiara Luchetti, Alberto Marzo, Sara Monaco, Enrico Perini, Serena Olcuire e Maria Rocco. No primeiro ano das pesquisas também participavam Giulia Marzocchi, Giorgio Sokoll. Cf. <http://laboratoriocirco.wordpress.com>.

## Rumo a uma cidade hospitaleira

À palavra Roma, nosso cérebro associa imediatamente a de "ruínas" e logo vem à mente a imagem estereotipada de "gentes diferentes" que as habitam de modo pinturesco. A cidade atual, por sinal, repropõe aquela mesma imagem: vidas descartáveis, que habitam entre restos, pobres, sem-teto, migrantes, *rom*<sup>2</sup> e indesejados de qualquer espécie que reconstróem sua vida não mais entre as antigas ruínas, mas entre as ruínas contemporâneas, em nosso patrimônio abandonado e esquecido. Parece que esses habitantes contemporâneos tivessem sempre estado lá e que fizessem parte do *genius loci*, antigos e novos romanos, todos estrangeiros desde sempre, ciclicamente agentes da transformação urbana a partir, justamente, daquelas ruínas.

É sobre esta simples ideia que se baseia o projeto CIRCO: transformar o patrimônio abandonado em uma rede metropolitana de condomínios interculturais fundados na Hospitalidade. O acrônimo remete explicitamente ao imaginário do circo: aquele lugar colorido, mágico, nômade e estranho à cidade, orgulhoso de sua diversidade, universo itinerante que se instala nos terrenos baldios e onde todos têm competências e recursos para compartilhar em um projeto comum. O circo é o nômade socialmente aceitável e no clima xenófobo que há hoje, lembrar sua imagem é muito útil para uma diferente narrativa de tantos Outros, desde sempre presentes em nossa cultura. O circo é desejável, é o diferente que nos é familiar, e do qual podemos não ter tanto medo e do qual sentimos certa arcaica necessidade. É irrenunciável, indomável, irreduzível – é a contradição de que se sente necessidade: um lugar capaz de mostrar sua alteridade sem desembocar no conflito. Um lugar que, uma vez homologado à cidade, perderia suas energias regeneradas, sua carga de provocação, de estímulo, de inovação. Ao circo deve ser assegurada sua própria natureza de espaço do vir-a-ser, de experimentação contínua que, em lugar de ser alvo de regras impostas, será capaz de propor novas regras para todos.

A palavra-chave do projeto é Hospitalidade, decididamente mais inclusiva e fértil do que o termo "acolhimento". Enquanto "acolhimento" é uma palavra unidirecional, que remete às necessidades – cobertores, comida quente, assistência legal e sanitária para acudir corpos e não pessoas – "hospitalidade" baseia-se numa troca recíproca, olha para o hóspede como portador de cultura, de recursos, uma espécie de dom imaterial que será retribuído. Em grego a palavra *ξενία* (*xénia*)<sup>3</sup> indica a dádiva que o hospedeiro faz ao hospedado em função de um sistema de regras recíprocas. Em todas as culturas arcaicas a hospitalidade é um ato sagrado. Deve-se abrir a porta a quem bate, pois sob os trajes do andarilho pode haver um deus. E quem não hospeda um estrangeiro terá castigo divino. Após ter descansado, comido, o hóspede, se sentir prazer com isso, falará de si, de onde vem, das terras que cruzou, das gentes que conheceu, oferece-nos o dom de conhecer o mundo. E quando o hóspede vai embora, o anfitrião oferece-lhe um dom que ele levará consigo em sua viagem, a *xénia* de uma amizade que existirá para sempre, mesmo nas gerações futuras. No relato de Virgílio, quando Enéias, o troiano, chega a Roma como refugiado, entre as ruínas do Palatino (já havia ruínas antes que houvesse Roma!) encontra o grego Evandro, o rei-pastor arcádico, a quem está ligado pelo laço da *xénia*. A fundação de Roma ocorre entre as ruínas, com estrangeiros que respeitam as regras da hospitalidade.

---

<sup>2</sup> (Nota de Tradução) Termo usado para designar "ciganos".

<sup>3</sup> O projeto CIRCO foi precedido de duas caminhadas organizadas por Stalker: *Entre as ruínas do contemporâneo* (2016), três dias de caminhada para testemunhar as novas e caras arquitetura dos arquitetos, deixadas inacabadas no território romano – e *Xeneide – o tom do outro*. Mitos, Práticas, Poéticas da hospitalidade (2017) três dias de caminhada para percorrer as pegadas de Enéias, sobre o tema da hospitalidade para com o estrangeiro.

## Ruínas e condomínios culturais

A primeira urgência do laboratório CIRCO foi o mapeamento dos restos, ou seja, do patrimônio abandonado, descartado e subutilizado, para atrair uma rede a ser desenvolvida não apenas nas periferias, mas também incluindo o centro histórico, as margens internas, os campos urbanos. Achamos quase 200 deles e os dividimos segundo diferentes categorias e, em seguida, os publicamos num mapa colaborativo<sup>4</sup>. Em todos os lugares existem esses imóveis: alguns estão presos em perenes canteiros de obras, outros foram abandonados depois de prontos, outros, ainda, encontram-se simplesmente subutilizados e outros, definitivamente em ruínas. A proposta não é a de demoli-los e de reconstruí-los, mas de ativar canteiros experimentais para recuperá-los como lugares híbridos, porosos, inclusivos, inéditos. Juntar espaços abandonados com quem precisa desses espaços, transformar os problemas em recursos recíprocos. A ideia, com efeito, não prevê apenas produzir espaços para morar, mas lugares poli funcionais a serviço dos bairros onde poder-se-ia desenvolver microempresas populares de comunidade, atividades sociais de bairro e todas aquelas funções sustentáveis do ponto de vista econômico, social e ambiental, dirigidas à reconstrução do tecido social, a repropor o tecido produtivo e a fornecer novos serviços à coletividade.

Em nossa exploração das ruínas e de seus usos informais encontramos as ocupações habitacionais, experiências que oferecem ótimos modelos de condomínios interculturais. Esses lugares são realmente capazes de juntar sinergicamente diferentes declinações da pobreza urbana e dos habitantes transitórios que, entre si, desenvolveram interessantes formas de coabitação e de reciprocidade. Exatamente o contrário daquilo que faz o acolhimento categorizando as pessoas de acordo com sua proveniência, direitos e gêneros, espacializando-os em diferentes contentores homogêneos e herméticos, muitas vezes desumanos e infantilizantes. Nessas ocupações encontramos não apenas aqueles que estão em filas de espera pela casa popular há anos, frequentemente famílias ou anciões sozinhos, mas também quem tem projetos de vida e desejos pessoais que não são considerados por nenhuma política habitacional: refugiados ou exilados em busca de asilo que são afastados pelo sistema de acolhimento institucional, outros que esgotaram seu visto de permanência sem conseguir renová-lo; os assim chamados *dublinatos* que a Europa rechaça, por causa do tratado de Dublin; os migrantes econômicos em trânsito que preferem não se registrar na Itália e tentam alcançar a Europa do Norte, e aqueles que têm relações de trabalho na Itália, mas são obrigados a permanecer como clandestinos porque não é dado asilo aos países de onde eles vêm. E, junto com eles, pode-se encontrar uma grande quantidade de pessoas diferentes que favoreceriam a hibridação ou aquilo que é chamado *mixité socioculturale*: idosos e estudantes de fora da cidade que se veem obrigados a alugar quartos a preços acima do mercado; os chamados “*expat*”, cérebros fugidos de seu país que quando voltam sobrecarregam a casa de amigos e parentes; trabalhadores sazonais que precisam de um teto somente para alguns meses, por um ano ou por alguns dias por semana; as mil formas do precariado, artistas, ativistas, voluntários sociais, até mesmo turistas interessados em passar umas férias diferentes, morando em uma casa curiosa onde possam colocar suas habilidades à disposição do público.

---

<sup>4</sup> Cf. seção dos mapas no blog: <http://laboratoriocirco.wordpress.com/2018/04/07/mappe/>

## **Instrumentos, realização econômica, gestor social**

O modelo de cidade proposto por CIRCO encontra em algumas referências normativas recentes a possibilidade de se tornar um modelo concreto. Por exemplo, nas indicações da LR7/2017 (Regeneração Urbana) e – em particular – nas Disposições quanto ao direito de Habitar, caput III do plano casa (LR21/2019 – edilícia pública e social), ainda em vigor, são previstos “albergues sociais” e percursos experimentais para enfrentar as problemáticas ligadas à emergência habitacional, através do desenvolvimento de formas de coabitação em edifícios de propriedade pública; a possibilidade, para a Região do Lácio, de adquirir, graças ao plano de recuperação, os imóveis que permaneceram inutilizados por mais de cinco anos e/ou em evidente estado de degrado; a indicações para promover a edilícia residencial social, entendida enquanto alojamentos realizados ou recuperados por operadores públicos e privados, com a ajuda de entes locais, empresas públicas, fundações no profit, empresas sociais ou outras entidades sem fim de lucro. Dentro desse quadro, estão se prevendo margens de movimento e modalidades inovadoras de produção do espaço público, projetos sociais híbridos que estão se reorientando para se tornarem serviços alternativos e novo *welfare*.

O projeto CIRCO tenta se aproximar desses instrumentos, integrando-os e propondo novos. De fato, nos últimos anos emergiu uma nova geração de atores urbanos capazes de enquadrar a própria visão de empresa conjugando o uso capital territorial fixo público, a criação do valor social, a circularidade econômica, a capacidade de interceptar diferentes financiamentos públicos, o uso de instrumentos inovadores de financiamento, o acesso ao crédito e os instrumentos de finança ética, a gestão, a transformação, a requalificação urbana e – finalmente – um novo modelo de *welfare*. Recentemente redefinido como “gestor social”, este empreendedor organiza a produção e a gestão, garante os trâmites contratuais com a administração pública, desempenha uma ação sinérgica e de coordenação com outros *city makers*. O projeto CIRCO baseia-se na ativação territorial à aplicação dessas práticas, ou a sua solicitação quando já presentes de forma latente. Os instrumentos (formais ou informais) para a constituição de partes da sociedade civil em *city makers* estão muito mais disponíveis hoje, principalmente caso se confronte o contexto atual com a época da requalificação urbana complexa que baseava o envolvimento da sociedade civil em termos quase que só de consulta. Associações, cooperativas, empresas, ramos da administração pública, cidadãos isolados, e outros novos sujeitos podem contribuir sinergicamente para o projeto de reuso dos refugos urbanos.

## **Mixité econômico-funcional**

A estratégia do CIRCO baseia-se na escolha das características econômicas das funções e das atividades a serem inseridas. Além da *mixité* social, é necessária uma complexa *mixité* econômico-funcional, ou seja, a coexistência de funções e de espaços com regime econômico diferenciado. O objetivo é o de uma circularidade econômica que permita que o projeto (quando totalmente operacional) seja auto-sustentável ao longo do tempo, fazendo com que as diferentes funções possam agir economicamente no interior de um único sistema. Na base disto está a ideia de um contexto no qual os habitantes tenham a possibilidade e os meios de se auto-organizar e gerir a distribuição de serviços de caráter social, mesmo em união com o terceiro setor e os gestores sociais (departamentos legais, ambulatorios, mas também salas de leitura, espaços culturais de exposição, etc.). Esse tipo de atividade tende a ter dificuldade para se auto manter na medida em que não é susceptível de uma tarifagem (ou apenas de uma tarifagem mínima) ou, de qualquer maneira, não tem condições de cobrir os custos dos serviços estabelecidos. Tomando emprestado parte do léxico do mundo do *project financing*, essas funções são economicamente “frias”, ou seja, os custos de sua gestão não podem ser recuperados diretamente e não geram lucros. Isso ocorre devido ao fato de que as modalidades que usufruem do espaço/serviço, com a finalidade de garantir seu valor social, não permitem a aplicação de eventuais tarifas ou cânones, ou então porque esses cânones, se presentes, são muito mais restritos quando comparados aos serviços equivalentes oferecidos pelo mercado. Ao mesmo tempo, podem ser inseridas funções que, ao contrário, proveem cânones ou tarifas a preços de mercado. Essas funções, definidas “quentes”, permitiriam – caso sejam bem geridas e se o mercado o permite – cobrir os custos, remunerar o trabalho prestado pelos diferentes sujeitos envolvidos e gerar proveitos.

Na ótica circular dos projetos do CIRCO, se os gestores são corresponsáveis e participantes das finalidades do projeto social em curso, pode-se supor que eles (justamente pelo fato de aferir ao mercado das empresas sociais) recolorem uma parte dos proventos para o sustento das funções precedentemente definidas como “frias”. Ainda há funções “mornas”, ou seja, capazes de gerar renda no limite da autossustentabilidade, que possam prover serviços oferecidos, ou então podem praticar uma alternância entre setores de usuários (no mercado “social”) em relação ao tipo de serviço. Uma composição capaz de compensar as deseconomias ligadas aos aspectos mais sociais do espaço, graças à mais valia produzida pelas funções mais rentáveis, pode representar um mecanismo virtuoso para a gestão de um modelo de *welfare*. Logo, se na construção do programa funcional de um projeto CIRCO, a análise do contexto e da interlocução com atores territoriais são aspectos determinantes, não se deveria abrir mão de conjugar tais análises com um pensamento criativo preventivo, que tivesse por fim a diversificação e a integração das funções, de modo a gerar um mix funcional que permita ao sistema de autossustentar-se.

## Flexibilidade, abordagem por fases e aspectos de padronização

Uma melhoria ulterior do perfil econômico de CIRCO pode ser obtida trabalhando na gestão dos espaços de acordo com duas orientações: a temporalidade e a progressividade. No que se refere ao primeiro ponto, nota-se como muitos dos projetos de regeneração com finalidade social encontram-se estruturados em torno de esforços flexíveis, facilmente conversíveis para diferentes usos, caracterizados pela transitoriedade de uso. Esse aspecto permite tanto a ampliação da gama dos serviços e das atividades a serem desempenhadas quanto uma gestão do tempo de uso do CIRCO capaz de torná-lo vivo no maior número de horas possível, com o conseqüente aumento do fluxo de usuários. Por progressividade, ao invés, entende-se um tipo de gestão em fases temporais. A ativação imediata de todas as atividades pode representar um esforço (energético e econômico) difícil de suportar e de ser recuperado no tempo. A estratégia por fases, ao contrário, prevê a ativação não contemporânea dos lugares, mas ditada pela realização dos objetivos gerais e específicos de cada fase. Às primeiras fases dirão respeito a exploração do âmbito urbano, a aproximação ao edifício, a construção do percurso negocial com a administração pública, a consolidação das relações com a comunidade, a organização de eventos, a constituição e o fortalecimento de redes, a escolha de outros sujeitos a serem envolvidos e a identificação de recursos e financiamentos disponíveis. As fases sucessivas são destinadas, em seguida, a uma ampliação das atividades e dos serviços oferecidos, com o uso progressivo do espaço que passa a ser requalificado por meio de um canteiro permanente, integrando financiamentos externos com os saldos de caixa positivos das fases precedentes. O objetivo será chegar ao espaço CIRCO em sua configuração estável (mas versátil) com todas suas atividades. Cada fase será caracterizada por um conjunto de objetivos cujo alcance leva à passagem para as fases sucessivas, ou então, para uma reprogramação das atividades.

O projeto CIRCO, atualmente, está à procura de um espaço onde realizar um projeto-piloto, um protótipo real onde possa praticar a hospitalidade através de um processo de médio e longo prazo, e onde possa levar adiante uma experiência capaz de hibridizar modelos espontâneos e informais de regeneração urbana, com os instrumentos normativos vigentes: um canteiro normogênico capaz de produzir, através da experiência e da prática diretas, novas normas extensíveis a diferentes contextos.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Sobre o projeto CIRCO estão no prelo as seguintes obras: Francesco Careri, Serena Olcuire e Maria Rocco for Laboratorio CIRCO, *CIRCO at Istituto San Michele: a didactic experience to enable new urban identities*, in: S. Caramaschi, S. Marconcini, L. Marinaro, *Enabling Urban Identities. A transdisciplinary dialogue on contemporary urban landscapes*, QU3 “Quaderni di Urbanistica 3” (no prelo em 2020); Francesco Careri, Serena Olcuire e Maria Rocco for Laboratorio CIRCO, *CIRCO. Manifesto per un sistema diffuso di rovine dove sperimentare l’ospitalità*, in Giovanni Longobardi, Sciami, *Rassegna di Urbanistica e Architettura*. (in corso di stampa 2020); Careri F., Finucci F., Luchetti C., Marzo A., Monaco S., Olcuire S., Perini E., Rocco M. (2020). *A Project of Laboratory CIRCO in Rome: Rethinking a Public Institutes of Assistance and Charity (IPAB) in Rome*. In *Place and Technology 2020*, University of Belgrade. (no prelo em 2020); Careri F., Finucci F., Luchetti C., Marzo A., Monaco S., Olcuire S., Perini E., Rocco M. (2020). *From Reception to Hospitality: Cultural, Methodological and Economic Aspects of the Laboratory CIRCO in Rome*. In *Place and Technology 2020*, University of Belgrade (no prelo em 2020).

### Sobre os autores:

**Francesco Careri** (1966) é Professor Associado da Universidade Roma Tre. Em 1995 fundou o laboratório de arte urbana *Stalker/Osservatorio Nomade*, e desde 2006 dirige o Curso de Artes Cívicas, um laboratório peripatético baseado na exploração a pé de áreas urbanas negligenciadas. Suas principais obras publicadas no Brasil são *Caminhar e parar* (São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017) e *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. (São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013).

**Fabrizio Finucci** é arquiteto, PhD, desde 2012 é Pesquisador e Professor Adjunto em Avaliação Econômica na Universidade Roma Tre. Foi professor visitante em 2017 na Universidad de Boyacá (Colômbia) e em 2019 na Universidade de Pécs (Hungria). Em 2018 obteve a qualificação científica nacional (ASNI) como Professor Associado. Sua principal atividade de pesquisa trata da avaliação econômica de plano, projeto e programa, implementada com abordagens inclusivas e dialógicas. É autor de mais de 70 publicações.

### Sobre a tradutora:

**Aurora Fornoni Bernardini** é tradutora, escritora, pesquisadora e professora titular de Literatura e Língua Russa na Universidade de São Paulo. Bernardini é responsável pelo desenvolvimento de precursoras pesquisas (e traduções) no Brasil acerca dos futurismos italiano e russo e por verter ao português importantes obras como *Ka* de Velimir Khlébnikov, *O deserto dos tártaros* de Dino Buzzati, *O exército de cavalaria* de Isaac Bábel (em parceria com Homero Freitas de Andrade), *Indícios Flutuantes* de Marina Tsvetáieva, dentre outras.

Recebido em 22-02-2022

### Como citar:

Careri, Francesco; Finucci, Fabrizio; Bernardini, Aurora. (2022) Projeto CIRCO: Casa irrenunciável para o Recreio Cívico e a Hospitalidade. *Revista Estado da Arte, Uberlândia*. v.3, n.1, p. 441-447, jan./jun. 2022. <https://doi.org/10.14393/EdA-v3-n1-2022-64844>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.